

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
SVEN NYKVIST – O CULTO DA LUZ VIVA
14 e 17 de janeiro de 2022

LE LOCATAIRE / 1976

(O Inquilino)

um filme de Roman Polanski

Realização: Roman Polanski / **Argumento:** Gérard Brach e Roman Polanski, segundo o romance de Roland Topor "Le Locataire Chimérique" / **Fotografia:** Sven Nykvist / **Direcção Artística:** Pierre Guffroy / **Música:** Philippe Sarde / **Montagem:** Françoise Bonnot / **Intérpretes:** Isabelle Adjani (Stella), Roman Polanski (Trelkowsky), Shelley Winters (a porteira), Melvyn Douglas (Mr. Zy), Jo Van Fleet (Madame Dioz), Bernard Fresson (Scope), Lila Kedrova (Madame Gaderian), Héléna Manson (enfermeira-chefe), Jacques Monod (o dono do bar), Claude Dauphin, Rufus, Roman Bouteille, Josiane Balasko, Claude Piéplu.

Produção: Marianne Productions/ **Produtor:** Andrew Braunsberg / **Cópia:** DCP, colorida, versão original legendada em espanhol e eletronicamente em português, 123 minutos / **Estreia Mundial:** Festival de Cannes de 1976 / **Estreia em Portugal:** Apolo 70, em 8 de Setembro de 1977.

O sucesso de **Chinatown** anunciava um futuro brilhante para Polanski em Hollywood. Contudo acabou por ser o último que faria nos EUA. A compulsão "suicidária" de tantas personagens criadas por Polanski no cinema parece, no fim de contas, ser uma projecção de outras semelhantes e bem pessoais. Polanski acabou por se envolver num escândalo que fez dele "persona non grata" e alvo de perseguição judicial nos EUA. Uma festa demasiado "animada" (salvo erro em casa de Jack Nicholson) esteve na origem do caso que o envolveu com uma menor e levou à sua condenação em tribunal e a uma pena de vários anos de cadeia. Encontrando-se na Europa Polanski viu-se, então impedido de regressar aos EUA.

De certo modo **Le Locataire** (também conhecido pelo seu título inglês, **The Tenant**) parece reflectir esses acontecimentos, pelo menos na parte que toca ao realizador, fazendo dele uma "vítima" de uma situação à beira do "absurdo" que encontra a sua materialização no romance de Roland Topor "Le Locataire Chimérique". Talvez seja isso que tenha levado o realizador a tomar também nas mãos o papel principal (o que fizera apenas na curta metragem **Le Gros et le Maigre** e em **The Fearless Vampire Killers**, sendo as suas aparições restantes feitas de forma "secundária" ou "significativa" à maneira de Hitchcock, como acontece em **Chinatown**), do estranho Trelkowsky que parece "perseguido" por um destino implacável que se "compraz" em encarnar-se especialmente contra ele (como o personagem também Polanski é um polaco desenraizado). Talvez não seja exagerado dizer-se que **Le Locataire** possa ser

o filme mais "pessoal" (não direi "autobiográfico") de Polanski, por "materializar" uma série de "fantasmas" que têm tanto a ver com a sua vida pessoal como com o seu "estilo". **Le Locataire** reúne, mais do que qualquer outro dos seus filmes, essas obsessões de carácter pessoal e parece resumir a sua obra anterior tanto nos temas como na forma. Simplificando, visto à distância ele surge como uma espécie de "balanço de encerramento" de uma fase, sendo **Tess** o começo da segunda. Os cenários, por exemplo, com o desenvolvimento de um espaço claustrofóbico naquele singular edifício, concentram e desenvolvem imagens e ideias de filmes como **Repulsion** e **Rosemary's Baby**, que têm a sua origem, nas imagens "expressionistas" da curta metragem **Uśmiech Zebiczmy/«O Sorriso»**. Aquele par formado por Melvyn Douglas e Jo Van Fleet vem direitinho de **Rosemary's Baby**, "mimando" o que era formado por Sidney Blackmer e Ruth Gordon. Mais importante, porém, é a personagem de Trelowsky que aparece como o duplo masculino da personagem de Catherine Deneuve em **Repulsion**.

De certo modo **Le Locataire** pode ser visto como a versão "masculina" daquele filme, com Trelowsky passando por um processo de despersonalização e auto-destruição semelhante. Com duas diferenças, uma positiva, outra negativa. **Le Locataire** é, de longe, muito superior a **Repulsion** na forma como desenvolve o processo de alienação de Trelowsky. O filme anterior explorava fórmulas estereotipadas da psicanálise, de forma superficial (a diferença com o uso semelhante que Hitchcock fazia, e que Polanski persegue, é que o autor de **Spellbound** utilizava-as também à maneira de MacGuffin, sem o tom "sério" que Polanski lhe atribui) e mostrava o processo "de fora", por mais que procurasse dar a "ver" os fantasmas da personagem. Em **Le Locataire**, ao contrário, todo o processo é interior, deixando no espectador uma sensação de mal-estar ao acompanhar a evolução que pouco a pouco leva Trelowsky a assumir a personalidade de Simone Choule, acabando reduzido a um patético travesti. O que tem de negativo, e é isso que impede **Le Locataire** de ser o melhor filme de Polanski, é a incapacidade de manter a subjectividade até ao fim. Como se receasse que o espectador não "compreendesse" o que se "passa", Polanski, perto do fim muda a perspectiva e regride aos tempos de **Repulsion**, ao "mostrar" que o que Trelowsky "vê" se situa no campo da alucinação. O exemplo mais flagrante é a montagem alternada em que o "real" e a "alucinação" se alternam, com as personagens de Claude Dauphin e uma actriz confundidas com os "diabólicos" Melvyn Douglas e Jo Van Fleet. Estas cenas, porém, não afectam inteiramente o sentido trágico e absurdo da narrativa, embora lhes reduzam o impacto.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico